

## QUANDO A LUA NÃO BRILHA

Ruth Senter

No leste da Pensilvânia, geralmente, há um luar brilhante nas noites claras do mês de maio. Porém, nesta noite a lua não apareceu. O céu está escuro. Observo círculos marrons sob a luz do hall, quando chegamos às 2 horas da manhã de Illinois. Minha mãe vem nos receber. Observo também círculos marrons sob os olhos dela. Marcas que nunca notei. Pele cansada e rugosa.

Mas lá está ela, minha mãe há 40 anos. Percebo um acúmulo de noites mal dormidas, enquanto ela aguardava a chegada dos filhos, como se os anos tivessem lançado sombras da lâmpada em seu rosto.

Vejo o passar dos anos nas veias pretas e azuis que, exatamente nesta semana, foram submetidas ao cateter do cardiologista. Ouço o passar dos anos - da mesma forma que o barulho do mar ressoa numa concha - no diagnóstico médico. "Muita cautela... coração dilatado... diminuir o ritmo..." Arregalo os olhos diante das incertezas. Ao longo da vida, mamãe tem sido uma mulher de pulso firme. O futuro tem sido uma promessa garantida - vários casamentos na família, nascimentos, formaturas, recitais de música, ordenações, Natal, Páscoa, Dia de Ação de Graças. O tempo tem sido um evento, não uma sequência.

Quando olho para mamãe, percebo que alguém deu corda no relógio. Agora, o tempo tem uma cadência. Os anos foram sendo adicionados. A história tem um começo e um fim. Tremo de frio na manhã gelada. Mas os braços de mamãe me envolvem calorosamente, e estou em casa. Uma filha de 40 anos tranquilizando-se diante do toque carinhoso da mãe. Não existe tempo para um toque carinhoso.

Os braços acolhedores não conhecem o passar dos anos.

Ouço o borbulhar da água fervendo na chaleira. Biscoitinhos de lascas de chocolate recém-saídos do forno esperam para ser devorados no prato de louça resistente que, um dia, serviu biscoitinhos preparados na cozinha da vovó Hollinger. Os biscoitinhos de lascas de chocolate feitos por mamãe e o prato de louça da vovó Hollinger transportam-me no tempo. Bebericamos chá de hortelã e rimos de uma história boba contada por papai. Nossas risadas nos fazem esquecer do relógio. Não existe tempo para risadas. Mamãe é a que mais ri. Círculos escuros. Círculos cansados, porém alegres. Seus filhos estão em casa.

Por alguns instantes, eu me esqueço das veias maltratadas pelo cateter e do tique-taque do relógio. Estou presa a coisas que não mudam - uma calorosa recepção matinal feita por minha mãe, biscoitinhos de lascas de chocolate recém-saídos do forno, prato de louça, chá de hortelã, relógio na cornija da lareira e risadas. Estou presa a um Deus que não muda. Sei que o Deus que governa o tempo está acima do tempo. Esta noite, vejo no rosto de minha mãe o estranho paradoxo entre o tempo medido e o tempo que não pode ser medido. Um raro vislumbre das coisas divinas.